



Reflexões sobre honra e *vendetta* entre imigrantes italianos no sul do Brasil: o caso da morte do padre Antônio Sório (1900).

Maíra Ines Vendrame*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir as circunstâncias da morte “trágica” de um padre em uma colônia de imigrantes italianos no centro do Rio Grande do Sul, nos primeiros dias de 1900. Até hoje envolta em mistérios, a morte de Antônio Sório, pároco da comunidade de Silveira Martins, propiciou o surgimento de algumas discussões na historiografia, gravitando entre crime político – onde a maçonaria teria sido a responsável – e crime de vingança ligado a questões de honra familiar.

Palavras-Chave: Imigração Italiana. Justiça Comunitária. Honra.

Abstract: This paper aims to discuss the circumstances of the “tragic” death of a priest in a colony of Italian immigrants in the center of Rio Grande do Sul, in early 1900. Shrouded in mystery, the death of Antonio Sório, parish priest of Silveira Martins community, has given rise to some discussion on historiography, gravitating between political crimes – where the Masons would have been responsible – for revenge linked to issues of family honor.

Keywords: Italian Immigration. Community Justice. Honor.

1. Introdução

O padre Antônio Sório chegou à Colônia Silveira Martins em 1881, e, a partir de então, trabalhou para conseguir espaço na sociedade local. Como imigrante, procurou adquirir terras e outros bens para garantir a transferência de seus parentes da Itália. Através de práticas de apadrinhamento, direto ou por meio de seus sobrinhos, ampliou as redes de relações e acumulou patrimônio imaterial. Durante os dezenove anos em que Sório atuou como pároco, concentrou poderes através de uma política centralista de administração da paróquia. O prestígio conquistado permitiu a ele se tornar agente consular e mediador entre os imigrantes e as instâncias externas de poder.

No dia 30 de dezembro de 1899, à tardinha, quando retornava de seus afazeres de pároco da Colônia Silveira Martins,¹ padre Antônio Sório “fora vítima de um desastre” em

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutoranda em História. Bolsista CNPq. vricamaira@yahoo.com.br



uma das estradas da localidade. Foi encontrado caído do cavalo, prostrado no solo por mais de três horas até ser encontrado por conhecidos que o socorreram. Transportado à Casa Paroquial, em uma carroça com “cama” improvisada, “durou ainda doze horas entre dores crudelíssimas”.²

Durante a sua agonia, Sório foi assistido por médico, cuidado pelos sobrinhos e ouvido por um conselho de imigrantes formado por indivíduos de reconhecido prestígio local. Para estes comunicou seus últimos desejos. Ditou seu testamento, porém, não o assinou, uma vez que se encontrava impossibilitado de realizar qualquer movimento.³ Assim, assistido por sete testemunhas, faleceu em 3 de janeiro de 1900, sendo oficialmente divulgado como causa da morte ferimentos por “queda do cavalo”. Contudo, esta versão não foi aceita pela população colonial que logo passou a comentar que o incidente ocorrido com o pároco se tratava de uma emboscada por crime de vingança – *vendetta*.

2. A morte de um padre imigrante

Em janeiro de 1900, em um dos jornais de maior circulação da cidade de Santa Maria, era publicada notícia relatando a tragédia morte do pároco da comunidade de Silveira Martins. Através da reportagem intitulada “Padre Sório”, o jornal *O Combatente* prestava homenagem à região colonial ao destacar o papel de liderança assumido pelo vigário, enviando, então, à população colonial, condolências pela “perda de um dos seus grandes e ilustres protetores”.⁴

Assim, de forma abrupta estava encerrada a trajetória do imigrante e sacerdote italiano que contava com 56 anos de idade. Era natural da *comuna de Zevio*, província de Verona, região do Vêneto, nordeste da península itálica. Havia migrado para o sul do Brasil a convite de conterrâneos, estabelecendo-se nos núcleos de colonização italiana do centro do estado do Rio Grande do Sul.⁵ Tal como muitos imigrantes de seu tempo, também planejava “fazer a América”.

¹ Em 1877 foi criado o Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, no centro geográfico do Rio Grande do Sul. Logo em seguida teve seu nome alterado para “Colônia Silveira Martins”, em homenagem ao Senador Gaspar Silveira Martins.

² Jornal *O Combatente*, Santa Maria, 11 de janeiro de 1900. Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso, Santa Maria.

³ Testamento de Antônio Sório, Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900. Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

⁴ Jornal *O Combatente*, 11 de janeiro de 1900. Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso, Santa Maria. Em edição de 7 de janeiro de 1900, o jornal já havia anunciado que em “consequência de uma queda do cavalo em que montava” o padre Antônio Sório havia falecido.

⁵ Na Colônia Silveira Martins, em 1878, foi fundada a comunidade do Vale Vêneto a partir da instalação de diversas famílias de imigrantes italianos.



No registro de óbito encontrado no Cartório Cível de Silveira Martins, a data oficial da morte do padre é 3 de janeiro de 1900, às 02h30min da madrugada, em decorrência de ferimentos ocasionados por “queda do cavalo”.⁶ Tal versão também aparece na reportagem do jornal acima referido, como também no próprio testamento de Antônio Sório.

No processo de reconhecimento da autenticidade do testamento, documento esse ditado pelo sacerdote antes do seu falecimento, várias testemunhas afiançaram como motivo da morte “queda do cavalo”, inclusive comerciantes e autoridades distritais, como um juiz e o escrivão do cartório, além dos sobrinhos de Sório. Porém, o médico que lhe prestou assistência nas últimas horas de vida não foi inquirido pelo juiz para dar o seu parecer sobre as causas da morte. O Dr. Victor Teltz, com consultório em Santa Maria, atendia frequentemente na colônia Silveira Martins e era especialista em “moléstias sífilíticas e das vias urinárias”, conforme se pode ler nos anúncios publicados nos jornais.⁷

Acrescentando novas informações, anos depois o imigrante italiano Andrea Pozzobon narrou em suas memórias que, no dia 29 de dezembro de 1899, “devido a uma queda de cavalo ou, como dizem outros, a um verdadeiro assassinato, rendeu sua vida o Rev. Dom Antonio Sório, vigário da colônia Silveira Martins”. Não desconsiderando o fato de o padre ter sofrido um acidente e morrido em decorrência disso, destacou haver comentários e rumores entre os imigrantes que asseveravam ter sido Sório “vítima de uma armadilha”. Na sequência, assegurou que o mesmo falecera após “golpe sofrido”, suportando “intensas dores” com “heróica resignação”. Apesar das suspeitas de crime serem compartilhadas entre boa parte da população da ex-Colônia Silveira Martins, segundo Andrea Pozzobon o “caso nunca foi devidamente esclarecido” (POZZOBON, 1997, p. 178).

Tal informação, apresentada por um contemporâneo dos fatos, possibilita iniciar análise dos elementos que levaram à construção desta outra hipótese da morte do padre Sório.

Os imigrantes italianos elaboraram suas próprias opiniões sobre o incidente, partindo, para tanto, das avaliações que fizeram do comportamento do pároco e de suas rivalidades. Porém, essa opinião circulou entre os membros da localidade, ficando, muitas vezes, restrita às conversas privadas e reuniões familiares. Andrea Pozzobon, portanto, foi um dos primeiros a registrar a possibilidade de ter ocorrido um “verdadeiro assassinato”, ressaltando que Sório fora vítima de emboscada. Essa afirmação marca diferença entre dois entendimentos que necessariamente não tinham o mesmo significado para os imigrantes italianos, pois uma

⁶ Livro de registros de óbitos do Cartório Cível de Silveira Martins. Silveira Martins, RS.

⁷ Anúncios em várias edições do jornal O Combatente, dos anos de 1899, 1900, 1901. Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso - ACMEC, Santa Maria.



“armadilha” era prática utilizada no mundo camponês que não tinha o mesmo sentido de crime.

Outros elementos são apresentados pelo sacerdote Frederico Schwinn (caderno a, p. 14), pároco da sede ex-Colônia Silveira Martins, entre 1906 e 1918, em seus manuscritos. Este padre afirmou que, no dia 29 de dezembro de 1899, numa das principais estradas da região, Antônio Sório foi encontrado “caído do cavalo [e] gravemente *pisado no baixo ventre*” (grifos meus). Devido à gravidade dos ferimentos, veio a falecer no dia 2 de janeiro, deixando fortes indicações de ter sido “vítima de um crime”. Certamente, Schwinn escreveu o que ouvira de seus paroquianos e também o que lhe contara o seu colega de batina Matheus Schoenauer, testemunha que assistiu Sório nos seus últimos momentos de vida. Ao apontar as características dos ferimentos usou termos brandos para indicar o tipo de lesão sofrido pelo padre, mas, por outro lado, declarou que as evidências indicavam ter ocorrido um crime.

Portanto, levando-se em consideração as informações apresentadas pelos contemporâneos do padre, há indícios da existência de uma agressão planejada contra Sório.

As explicações oferecidas por Schwinn, em seus manuscritos, são em partes oriundas da própria população local, pois apresentaram os comentários que circulavam tanto entre os imigrantes quanto entre os sacerdotes que trabalhavam na região colonial. Logo, se está diante de uma versão que deve ser creditada aos imigrantes e seus descendentes, moradores da ex-Colônia Silveira Martins. Nada há na documentação oficial que indique a existência de crime. Para fundamentar a versão, a população deve ter feito avaliação sobre o comportamento pretérito do padre, identificando naquela “tragédia” a existência não de uma fatalidade, antes de uma *vendetta*.

Na década de 1990, o historiador Luiz Eugênio Vécio (2001, p. 25) tomou as interpretações sobre a morte do sacerdote como ponto de partida para reflexão mais ampla do embate entre a Maçonaria e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul. Para tanto, realizou entrevistas entre os descendentes que residiam no município de Silveira Martins, apresentando as versões ainda sustentadas pela população.

Através dos depoimentos, o autor constatou que na memória coletiva subsistia a ideia de que o padre Sório havia sido castrado por ter seduzido uma moça da comunidade. Essa versão de crime de vingança não chega a ser novidade, dadas às informações passadas pelo sacerdote Frederico Schwinn em seus manuscritos. Acreditando-se em crime de castração, o delito, então, foi planejado por questões de honra e não por motivações políticas. Vécio, porém, optou por centrar sua investigação na versão que destacava a existência de conflitos



entre maçons e católicos. Para isso, seguiu pistas relacionadas à construção da versão de crime político orquestrado por maçons.⁸

Através da análise dos depoimentos dos descendentes de imigrantes italianos, acredito ser possível começar a entender a tragédia do padre Sório em seu contexto cultural, analisando a versão de crime de castração como possibilidade vivida pelos próprios imigrantes na região colonial. Conforme o depoente Achilles Pirotti (86 anos), próximo ao local onde Antônio Sório foi atacado, na Linha Duas, residia o sobrinho do padre, de nome Luís Sório, sendo casado com uma tia do depoente. Sua mãe foi contemporânea aos acontecimentos, narrando que, um dia, quando o padre Sório retornava da casa de seu sobrinho na Linha Duas, “três homens pegaram” e “começaram a judiar dele”, ficando o mesmo “muito machucado. Na estrada o atacaram e o machucaram com pedras, chegando ao ponto de “castrar o padre”. O comentário local era que o vigário tinha “mexido com uma mocinha donzela e que os parentes dela o pegaram. Mas o nome da moça ninguém contava, isso era segredo”.⁹

Através da narrativa do descendente Odil Savenhago (54 anos), percebe-se uma maior convicção ao interpretar o acontecido, isto porque o padre Sório fora atacado nas terras de sua família, localizada a 200 metros da estrada que seguia para Silveira Martins. Segundo o depoente, o padre foi castrado por três homens devido a conflitos pessoais existentes entre eles.¹⁰ Sabendo que o padre havia sido ferido no “baixo-ventre”, o depoente possuía indícios para afirmar que a violência física não tinha origem em divergências ideológicas entre católicos e maçons, antes foi punição resultante de desonra familiar. Portanto, na memória transmitida no espaço familiar e comunitário, subsiste a ideia de emboscada e agressão física por questões honra, onde alguns indivíduos aplicaram uma punição como resposta a ofensas morais.

3. Os acusados

Passados quarenta e nove anos da “tragédia”, os nomes dos supostos responsáveis foram anunciados pela primeira vez na crônica intitulada a “Morte trágica de Dom Antônio

⁸ Ao analisar a Revista Rainha dos Apóstolos das décadas de 1920 a 1940 – revista editada pelos padres palotinos, estabelecidos em Santa Maria –, percebeu ali iniciar a ideia de que a morte do padre Sório era fruto de um complô maçônico.

⁹ Depoimentos de moradores de Silveira Martins, 13 de dezembro de 1997 (VÉSCIO, 2001, p. 312-313).

¹⁰ Morador da Vila Cattani, Silveira Martins, depoimento de 17 de julho de 1998 (VÉSCIO, 2001, p. 320).



Sório”¹¹. O cronista Pedro Luiz apontou os maçons como os algozes do padre, uma vez que suas atitudes de pároco haviam provocado a “ira satânica da maçonaria colonial”, principalmente por seu procedimento de tentar afastar da loja maçônica seu sobrinho Alexandre Sório. Então, aborrecidos com as atitudes de Antônio Sório, os membros da maçonaria elaboraram um plano para fazer desaparecer o líder religioso da comunidade de Silveira Martins, que possuía “ação decisiva e palavra fulminante”. Porém, vale ressaltar que Alexandre Sório era padrinho de batismo do padre Pedro Luiz, autor da narrativa, portanto, existiam laços de reciprocidade e amizade entre ambos. Talvez, por esse motivo, sentiu-se na obrigação de “redimir” a memória de Antônio Sório afastando dele todo tipo de acusação que vinha manchando a sua reputação.

Na sequência, o narrador descreveu como teria ocorrido a emboscada: Antônio Sório, ao retornar solitário de visita realizada a uma “velhinha que residia nas imediações da Linha Duas” – notem-se os tons dramáticos acrescentados pelo padre Pedro Luiz –, foi atacado numa estrada de “subida mansa e pedregosa” por três ou quatro indivíduos. Narrando a imaginada cena do assalto, afirmou: “fream o cavalo pela rédea”, derrubaram Sório da “cavalgada” e o encheram de “pontapés, pisaduras brutais, relho e outros maus tratos”. Felizmente, logo foi socorrido por um trabalhador da redondeza que, ao ouvir alguns gemidos, deslocou-se até a estrada. Quando ali chegou, deparou-se, primeiramente, com o “belo pingo marchador” do vigário Sório, próximo ao ferido em “estado lastimável”. Apesar da vítima não ter divulgado os culpados, a “voz divina do povo” indicou os maçons Celeste Soliani, Felipe Durgante (capataz de turma) e Rodolfo Faccin como autores da agressão, concluiu padre Pedro Luiz.¹²

A memória da tragédia, mantida pelo boato e rumor do povo, em conversas familiares, possibilitou que a identidade dos agressores fosse divulgada na revista Rainha dos Apóstolos por um descendente de imigrante italiano da ex-Colônia Silveira Martins: o padre palotino Pedro Luiz, afilhado de um sobrinho da vítima como afirmou-se acima. A publicação da crônica numa revista católica, com grande circulação na região da ex-Colônia Silveira Martins, provavelmente não causou surpresas à população. Nem mesmo constrangimentos às famílias apontadas como “autores do crime”, pois muito tempo havia se passado e os acusados, conhecidos entre muitos descendentes de imigrantes, já tinham falecido. Portanto, essa foi a primeira vez que um documento citava publicamente nomes dos possíveis criminosos.

¹¹ Revista *Rainha dos Apóstolos* é um periódico da congregação dos padres palotinos que começou a circular em Santa Maria e região colonial a partir do ano de 1923 e perdura até os dias de hoje.

¹² Revista *Rainha dos Apóstolos*, Santa Maria, 1º de janeiro de 1949, nº 27, p. 166. AHPNSC, Santa Maria.



Como se pode perceber, os agressores não haviam sido apontados em nenhuma outra fonte até aqui analisada. Seja como for, passado meio século da morte do padre Sório, fica a pergunta das razões de ser necessário fornecer explicações sobre aquela tragédia. Durante muito tempo, todos silenciaram quanto à identidade dos agressores, e, após cinquenta anos, foram apontados os nomes dos três maçons acusados de terem planejado a emboscada contra o padre Sório.

É provável que, quando jovem, o cronista tenha ouvido relatos dos pais, vizinhos e até de seu padrinho sobre a tragédia que vitimara o padre Sório, tomando conhecimento, neste círculo de relações, sobre a identidade dos imigrantes que o agrediram. Graças aos relatos individuais, trocados entre os que faziam parte das redes de relações familiares, foi possível que uma “memória da comunidade” sobre Antônio Sório se mantivesse. Muitas informações e lembranças sobre o episódio da morte eram para serem transmitidas somente internamente ao povoado e entre os participantes das mesmas configurações sociais.

Ao finalizar a narrativa, o padre Pedro Luiz apontou o destino dos “criminosos”, sinalizando para a existência de uma justiça divina, pois assim “disse nosso Senhor: Não toquei nos meus Cristos”. Os “três pistoleiros civilizados” foram então punidos pela “mão de Deus” ao terem um fim trágico, afirmando que isso o povo de Silveira Martins esperou para ver: Celeste Soliani foi morto “às margens do Rio Uruguai”; Rodolfo Faccin “teve os intestinos desprendidos e caídos, morrendo entre uivos e dor”; e, por último, Felipe Durgante “faleceu na miséria mais tenebrosa”.¹³ Portanto, a partir da interpretação do sacerdote Pedro Luiz, os maçons foram oficialmente reconhecidos como os responsáveis por arquitetar um crime contra o padre Sório. Segundo Luiz Eugênio Vécio (2001, p. 251 e 281), foi para recuperar autoridade e credibilidade do clero na região colonial que os padres passaram a atribuir a responsabilidade pela morte de Sório à instituição maçônica. Ao fazerem isso, “deixavam cair um véu de esquecimento sobre a conduta moral e sexual” do padre. Para o autor, uma luta entre o bem e o mal – Igreja Católica e Maçonaria – “reformulou e consolidou” uma explicação para a morte numa narrativa de complô maçônico, promovendo a redenção do padre Antônio Sório.

A explicação de morte provocada por “queda do cavalo” ficou restrita à oficialidade. Na lembrança da população colonial as interpretações apontavam para a existência de uma emboscada e de ter o padre Sório recebido ferimentos no “baixo-ventre” por crime de honra.

¹³ Revista Rainha dos Apóstolos, Santa Maria, 1º de janeiro de 1949, nº 27, p. 166. AHPNSC, Santa Maria.



Ao assumir o discurso de complô maçônico, Pedro Luiz ofereceu nova direção à interpretação daquele trágico evento. Apresentou novos elementos para que a população de Silveira Martins formalizasse sua relação com os acontecimentos dramáticos da própria história, indicando ter ocorrido crime motivado por divergências políticas, ressignificando o fato.

Novas afirmações, revelações e explicações foram agregadas à tradição oral, contribuindo para que outros esclarecimentos fossem apresentados sobre a morte do padre Sório. As informações mais significativas, porém, devem ser buscadas no que foi escondido ou silenciado pela população local, e não nos aspectos que foram contados por uma versão oficial (PORTELLI, 1997, p. 34). O silêncio também tem significados, e expressa à existência de entendimentos e versões. E a aparente tranquilidade de um cenário onde nada parecia estar acontecendo, pode significar escolhas conscientes dos indivíduos para garantir estabilidade local além de exemplificar formas próprias e autônomas de organização.

Assim, as narrativas orais e escritas sobre a morte do padre Sório permitem analisar a maneira como os imigrantes lidaram com fatos cotidianos e inesperados. Se, por um lado, a memória do povoado “revela omitindo”, por outro, ela também permite entender os indivíduos como “sujeitos de suas ideias e de suas lembranças”. As versões e os fatos ficam sem sentido se separados do cenário local no qual se desenrolam. É necessário que “tempo e espaço” sejam considerados quando se procurar entender comportamentos, normas e valores locais (MARTINS, 1992, p. 19). Na memória transmitida subsiste a ideia de emboscada e agressão física por questões de honra, onde alguns indivíduos aplicaram punição como resposta a ofensas morais. Não se tem a pretensão de investigar o “crime em si”, mas, sim, o sentido, a interpretação de uma “emboscada”, de ofensas morais e de punições entre a população colonial. Dessa maneira, busca-se compreender o significado dado àquela tragédia que vitimou o padre Sório dentro de um campo de possibilidades explicativas compartilhadas pelo grupo.

Os imigrantes da ex-Colônia Silveira Martins, local onde o referido padre prestava atendimento religioso, dotados de práticas culturais de uma Europa rural forjada há séculos, devem ter tido suas razões para acreditar na morte por vingança de uma família em desonra, pois tal constatação estava ligada a valores de um mundo tradicional ainda vivido. Partindo de seus códigos valorativos, aliado ao entendimento que tinham sobre o comportamento pregresso do sacerdote agredido, deram uma explicação diferente da versão oficial: padre Antônio Sório fora vítima de castramento por causa de seu procedimento inadequado com



uma “mocinha donzela” do lugar. Foi essa interpretação que ganhou fórum de verdade entre a população colonial. A família atingida em sua reputação teria orquestrado vingança contra o padre que havia desrespeitado o código de honra local.

Desse modo, a violência praticada contra determinadas partes do corpo, como ferimentos no “baixo-ventre”, assumem significado simbólico e caracterizavam agressão planejada para reparar a honra perdida. A própria violência de castração está ligada a um tipo específico de ofensa: a desonra sexual e a impossibilidade de reparação. Para compreender a versão do castramento construída a respeito da morte do padre Sório é necessário investigar essa agressão como tipo de punição que seguia lógica explicativa no universo cultural dos imigrantes italianos.

4. “Os ares inspiram vingança”¹⁴

Através da versão do castramento é possível levantar questionamentos sobre o funcionamento das comunidades, os valores, os tipos de punição e a atuação das famílias camponesas italianas que se estabeleceram nas regiões coloniais do sul do Brasil. Tentar-se-á analisar as redes sociais de agregação formadas entre os imigrantes, suas relações de reciprocidade, confiança e aliança como recursos para garantir segurança e a sobrevivência do grupo.

As ações dos indivíduos precisam ser analisadas dentro de uma rede de interdependências, identificando os padrões culturais e sociais que governavam essa trama. Nesse sentido, as narrativas interpretativas dos acontecimentos locais possuem um significado social que precisam ser analisadas no seu contexto específico e na sua utilidade prática. A própria tradição oral, em determinados casos, pode ser usada como um mecanismo fundamental para solucionar conflitos, contradições, garantir estabilidade e evitar questionamentos das regras que regem a vida cotidiana. Em algumas situações as narrativas orais são usadas para “dar sentido a uma ordem social” e também podem ter como objetivo solucionar “simbolicamente” alguns assuntos que necessariamente não são resolvidos no campo da “atividade humana” (CRUIKSHANK, 2006, p. 153).

Portanto, é necessário que a memória coletiva e familiar sobre o momento da morte do padre Sório seja colocada à prova, desmembrada e avaliada. As informações presentes tanto nessas fontes como nas escritas fornecerão indícios para que possamos reconstituir

¹⁴ Termo utilizado pelo padre Antônio Sório em carta escrita quatro meses antes de sua morte. O destinatário era outro sacerdote que não foi possível identificar. Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma, Caixa família Sório.



experiências concretas e possíveis vividas pela população colonial naquele contexto. Devido às poucas informações da documentação sobre a tragédia da morte, as narrativas mantidas pela tradição oral são fundamentais para se analisar variáveis e impressões imaginadas. Os depoimentos orais apontaram outras perspectivas ao apresentarem novos dados a respeito das relações familiares e comunitárias, permitindo, portanto, que conheçamos mais o sentido dos eventos para os indivíduos e a maneira como os interpretaram. O primeiro aspecto que torna a história oral diferente e importante é o fato dela contar menos sobre eventos do que sobre os significados. Através delas pode-se ter acesso não apenas ao que o povo fez, mas também, ao que tencionava, acreditava estar fazendo e finalmente o que pensava que havia feito (PORTELLI, 1997, p. 31-33). Enfim, as narrativas orais apresentam a maneira que determinados comportamentos, valores e episódios foram avaliados pelos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins.

É no espaço familiar que diferentes narrativas sobre as causas da morte do padre Sório e a identidade dos seus agressores se refugia, materializado, também ali, em memória compartilhada na comunidade. O que permanece na “memória do povoado” sobre a tragédia do padre Sório é a versão do castramento, dos ferimentos no baixo-ventre, da desonra de uma moça e da vingança. Mesmo estando em constante movimentação, agregando novos elementos e reinterpretações, aquelas explicações não perderam sua força. Portanto, conforme os caminhos apontados por Alessandro Portelli (1996, p. 65-70), as memórias oferecem um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginadas e não um esquema de experiências comuns. Nesse sentido, ganha destaque o conceito de “possibilidades”. A representatividade textual das fontes orais e memórias se medem pela capacidade de abrirem e delinarem um espaço de possibilidades expressivas. Para o autor, é o complexo horizonte das possibilidades que estabelece a esfera de “uma subjetividade socialmente compartilhada”.

Tanto os relatos orais dos descendentes quanto as narrativas e crônicas dos imigrantes e padres forneceram substrato inicial para delinear um contexto de possibilidades de atuação das famílias, lógicas, valores, estratégias individuais e comunitárias em Silveira Martins. Deste modo, busca-se uma integração entre as narrativas, no caso aqui as versões sobre a morte do padre Sório e os dados encontrados nas outras fontes documentais, abordando a partir da relação entre a realidade concreta e as possibilidades do contexto vivido pelas famílias camponesas nos núcleos coloniais. As explicações sobre determinadas práticas de punição, noção de justiça, atuação das famílias e as situações que geravam os sentimentos de vergonha num evento específico podem ser entendidas a partir de um código de honra que



aponta universo de probabilidades válidas para entender o desempenho e escolhas do grupo imigrante.¹⁵

Seguindo os indícios apresentados nas narrativas já referidas que apontam para a existência de um crime, consequência direta da violação das normas de respeito e igualdade que deviam reger o relacionamento entre os homens de honra, vejo como importante apresentar uma carta escrita por Antônio Sório meses antes de sua morte. Em 20 de agosto de 1899, o padre expõe de forma resumida alguns acontecimentos ocorridos na sede da ex-Colônia Silveira Martins, revelando estar vivendo drama pessoal. Primeiramente, afirma que “um raio fulminante e seco havia interrompido a religiosa existência da senhora Ambrosina”, brasileira, filha do Juiz Distrital Joaquim Augusto Pinho, “grande patrono da loja maçônica e satânica da região colonial”. A seguir, o padre exclama: “porque Deus supremo e arquiteto do universo” impôs à moça tal “árdua sentença”? Demonstrando estar com receio do que poderia vir a acontecer, escreveu: “caro amigo, andamos mal com este tempo ruim, pois os ares inspiram vingança”.¹⁶ A “senhora Ambrosina”, citada pelo padre, era, na verdade, uma menina de 13 anos que havia falecido havia poucos dias.¹⁷ De acordo com as informações presentes nesta carta, percebe-se que padre Sório estava apreensivo, sentindo certa “atmosfera de *vendetta*” pelo fato da filha do juiz ter falecido. Qual seria seu envolvimento no caso? Até agora não consegui desvendar, mas, possivelmente, ele estava implicado na morte da menina Ambrosina.

A possibilidade de ter existido um crime de honra é grande, pois havia entre os imigrantes uma cultura da violência trazida da Itália e vivida nos núcleos coloniais. O código de honra compartilhado, sinônimo direto de respeito, igualdade e integridade, quando violado exigia medidas reparadoras, contrato firmado através de acordos privados ou castigos coletivos previamente gestados. Assim, os imigrantes preferiam confiar em dispositivos próprios de apaziguamento do que procurar as instâncias externas quando ocorriam

¹⁵ Natalie Davis (1987, p. 21), em sua obra o *Retorno de Martin Guerre*, reconstitui através da trajetória de um indivíduo a experiência de homens e mulheres que também viveram no mesmo tempo e espaço. É a excepcionalidade do caso de Martin Guerre que ilumina uma realidade que é pouco documentada. No entanto, quando não encontra o sujeito que estava procurando, a autora se volta para outros documentos para reconstituir o mundo em que ele deve ter vivido e as reações que deve ter sentido. Essa relação entre provas e possibilidades também é destaca por Carlo Ginzburg (1989, p. 183).

¹⁶ Carta de Antônio Sório, 20 de agosto de 1899. Caixa família Sório. Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma. Não se identificou a quem era destinada a carta do padre Sório, uma vez que falta uma parte do documento. Mas, conforme as indicações, acredita-se ser um colega de batina da região colonial.

¹⁷ No dia 18 de agosto de 1899, no cemitério de Silveira Martins, foi sepultada Ambrosina de Pinho, de 13 anos e 9 dias de idade. O registro de óbito que consta no livro paroquial não foi assinado por Sório ou qualquer outro sacerdote da região colonial. Paróquia de Silveira Martins, Livro 1: 1884-1907. Bispado de Santa Maria.



divergências e troca de insultos.¹⁸ A cumplicidade se dava através do silêncio, sendo o caminho a ser seguido para garantir o sucesso das ações pacificadoras – legitimando, assim, as *vendettas*.

Uma constatação parece certa: os ferimentos que causaram o falecimento de Antônio Sório não foram ocasionados por acidente de “queda de cavalo” como afirmaram as sete testemunhas que presenciaram a elaboração do testamento e acompanharam os últimos momentos do padre. As sete testemunhas eram conhecidas do sacerdote, pessoas de prestígio na região colonial, e entre eles formou-se um “tribunal de grupo”¹⁹ que, tudo leva a crer, optou por divulgar que o pároco havia falecido por ter sido vítima de fatalidade, e não de punição planejada. É preciso explicar os motivos deste procedimento das testemunhas, mas é possível que desejassem impedir o surgimento de novas vinganças e conflitos locais, enterrando, assim, junto com o corpo do pároco, as “verdadeiras” causas de sua morte. Esse pacto de silêncio buscava proteger tanto os agressores quanto a comunidade de Silveira Martins, pois, caso revelassem a existência de crime de honra, a exposição poderia trazer consequências desastrosas à manutenção da estabilidade social. Os sete imigrantes escolheram o caminho do consenso e da pacificação, agindo segundo valores conhecidos. Buscaram, com isso, restaurar o equilíbrio de poder entre as famílias do lugar, evitando novas retaliações. Caso os “reais” motivos da morte do padre Sório chegassem às instâncias da Justiça do Estado, a comunidade se veria exposta e sujeita a humilhações. Desse modo, a reputação pública do pároco falecido também seria preservada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) **Usos & abusos da história oral**. 8º ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Problemas de Escala. In: **Relaciones** 95. Verano, 2003, v. XXIV, p. 279-288.

www.colmich.edu.mx/relaciones/. Acessado em 10/10/2010.

¹⁸ Outros eventos que exemplificam esse tipo de comportamento e percepção dos imigrantes italianos podem ser analisados em artigo já publicado (VENDRAME, 2010).

¹⁹ Definição utilizada por Giovanni Levi (2000, p. 125-126), em sua obra *Herança Imaterial*, ao abordar as estratégias familiares para garantir segurança, estabilidade e proteção numa pequena aldeia piemontesa do século XVII.



MARTINS, José de Souza. Por uma compreensão do esquecimento e do silêncio. In:

Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano - do fim do Império ao fim da República Velha. 2º Ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v. 1, n.2, p. 59-72, 1996.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.)

Usos & abusos da história oral. 8º ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

POZZOBON, Zolá Franco. **Uma odisséia na América**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

SCHWINN, Frederico. Freguesia Silveira Martins. Caderno a, p. 14, Caixa 5, Missão Brasileira. Arquivo Histórico Nossa Senhora Conquistadora, Santa Maria.

VENDRAME, Maíra Ines. **Lá éramos servos, aqui somos senhores:** a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. Entre ofensas e punições: reflexões sobre as concepções de honra e justiça entre os imigrantes italianos do sul do Brasil (Rio Grande dos Sul, 1880-1900). In: MARTINS, Ismênia de Lima; HECKER, Alexandre (org.) **E/imigrações:** histórias, culturas, trajetórias. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010.

VÉSCIO, Luiz E. **O Crime do Padre Sório:** Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1925). Porto Alegre: Editora da UFRGS; Santa Maria: Editora UFSM, 2001.

Recebido em Julho de 2011
Aprovado em Julho de 2011